

MARX: A SOCIEDADE CAPITALISTA E O BAIRRO CARLITO PAMPLONA

Juliana Araújo Costa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Ceará - IFCE, *campus* de Fortaleza
Avenida Francisco Sá 3572 Bloco A apto 403
Bairro Jacarecanga
Ju_a_costa@hotmail.com

RESUMO

Este artigo aborda a sociedade capitalista e o caráter comercial do bairro Carlito Pamplona, localizado em Fortaleza, a partir das idéias de Karl Marx. Esse pensador desenvolveu diversas análises sobre a época em que viveu. Idéias que perduram até os dias de hoje, por força de sua condição de desvendar o funcionamento do sistema do capital. O objetivo deste artigo é analisar as teorias marxistas sobre o capitalismo e aplicá-las ao bairro Carlito Pamplona. Para isto, não poderíamos deixar de explicar o que é o capitalismo e a sociedade de consumo.

Palavras-chave: Carlito Pamplona, capitalismo, Karl Marx.

ABSTRACT

This article addresses the capitalist society and the commercial character of the Carlito Pamplona, a district located in Fortaleza, from the ideas of Karl Marx, admirable sociologist who brought several contributions for the time when they lived, with your theories, that persist until the present day, and was from your works that modern sociology is configured as a field of knowledge with its own methods and objects. The objective of this article is to consider the Marxist theories on capitalism and apply them to the Carlito Pamplona district. For this, we could not fail to explain, first, what is capitalism and the society of consumption.

Keywords: Carlito Pamplona, capitalism, Karl Marx.

1. INTRODUÇÃO

Karl Marx, pensador que viveu entre os anos de 1813 e 1883, causando impacto nos meios intelectuais da época, tomou como objeto de estudo o funcionamento do sistema social baseado na produção de mercadorias. Em *O Capital*, ao analisar o funcionamento da sociedade capitalista afirma que “A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’.” [1] Que segredos se escondem por detrás dessa aparência, que obrigam todos os homens a se organizarem para produzi-las?

Tomando como instrumento de análise o pensamento marxiano e a contribuição de autores marxistas contemporâ-

neos, este ensaio buscará explicar o caráter mercantil do bairro Carlito Pamplona dentro do contexto da sociedade capitalista contemporânea. Para melhor entendimento, serão abordados, primeiramente, o contexto histórico e social do bairro e sua localização na cidade de Fortaleza. Em seguida, o foco se deslocará para análise do perfil do consumo de mercadorias atualmente adotado.

2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO BAIRRO

O bairro recebe a denominação Carlito Pamplona em homenagem ao fortalezense que se destacou como diretor do setor de compra e venda de matéria-prima da fábrica de óleo Brasil Oiticica. A indústria teve sua primeira sede no bairro Praia de Iracema, próxima a área onde hoje se localiza o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, onde há um busto em sua homenagem. A Empresa foi, posteriormente, sediada na Avenida Francisco Sá, situada no bairro analisado. A proximidade da ferrovia e da zona fabril estimulou o crescimento e o aumento populacional dessa área.

Carlito Narbal Pamplona foi um empresário que se dedicou ao ramo da produção de óleo e de castanha de caju. O primeiro trabalho planejado para a compra de castanha de caju destinada à produção fabril foi de sua autoria, incentivando o plantio e a compra dessa matéria-prima, especialmente nos centros de produção da área marítima da cidade de Fortaleza (FIEC, 2009).

O bairro está localizado na Secretaria Executiva da Regional I (SER I), na zona oeste da cidade de Fortaleza, e se limita com os bairros Pirambu, Jacarecanga, Monte Castelo, Vila Ellery, Álvaro Weyne e Cristo Redentor. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), apresenta uma área de 126,80 hectares e conta com 24.383 habitantes, estando entre os dez mais densamente povoados do município de Fortaleza. [2] Por ser próximo ao centro da cidade e pelo acúmulo de empreendimentos comerciais, é considerado uma área de concentração mercantil.

A Localidade tem como principais atividades produtivas a Indústria de Castanha Iracema, a segunda maior indústria de beneficiamento de castanhas de caju do mundo, com capacidade de processamento anual de mais de 70.000 toneladas de castanha in natura. A localidade também abriga outras diferentes plantas fabris, a maioria delas concentradas na avenida principal do bairro, a Francisco Sá, que funciona como seu corredor comercial. Lá, é possível encontrarem-se inúmeros pontos comerciais, com suas fachadas encobertas por placas e outdoors, e mercadorias expostas no meio da rua, convidando a população para o seu consumo.

No entorno dessa Avenida são encontrados um mercado público que recebe o nome do bairro, alguns supermercados, livrarias, farmácias e um shopping, o qual dispõe de estacionamento, praça de alimentação e várias lojas. Segundo o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento do Comércio (IPDC), o comércio representa 61,21% de sua economia e o setor de serviços 31,57% das oportunidades de emprego para os moradores do bairro. [3]

Pode-se dizer que a localidade do Carlito Pamplona apresenta uma área comercial extensa, onde a população encontra diversos produtos necessários à vida e, até mesmo, ao conforto, o que movimenta a economia local e gera empregos para os moradores. Conforme depoimentos colhidos em entrevistas com a população local, os residentes afirmaram que têm a facilidade de comprar aquilo que necessitam, sem se deslocar ao centro da cidade ou aos grandes shoppings. Além disso, os preços são acessíveis, isto é, de acordo com a grande concentração da população de baixa renda, permitindo-lhe o consumo.

Porém, “nem tudo são flores”. Como a população aldeã se desenvolveu a partir da concentração de atividades industriais, existe uma concentração de favelas. Algumas são visíveis para quem trafega na Avenida Francisco Sá, outras se escondem por trás das fachadas dos conglomerados fabris e demais empreendimentos comerciais. Os moradores, também, enfrentam problemas como a violência urbana, e, devido aos numerosos assaltos, carecem de segurança e tranquilidade, pois assim como lhes faltam delegacias, faltam-lhes mais unidades de saúde. Se isso não bastasse, os residentes sofrem com a poluição gerada pelas indústrias locais. Para completar o quadro, não há uma associação para que eles se organizem e lutem por melhorias para a comunidade.

O que se esconde por detrás das desigualdades sociais existentes? Teria Karl Marx alguma palavra a nos dizer para melhor compreendermos as contradições observadas? Vejamos o que esse pensador poderia nos revelar.

3. OS SEGREDOS DA PRODUÇÃO DE MERCADORIAS

Aos olhos de quem vê, a sociedade capitalista aparece como uma “imensa coleção de mercadorias”. O comércio parece ser uma simples troca de equivalentes mediada pelo dinheiro. Nesse intercâmbio, uma pessoa troca dinheiro pelo produto que deseja, ou, até mesmo, um produto por outro de valor equivalente. O dinheiro aparece como um meio para simplificar e promover o desenvolvimento do comércio e como medida para a fixação de um valor que permita a comensurabilidade das mercadorias. Tudo se passa como se a oferta e a procura por mercadorias ou serviços fosse o elemento que permite a existência desse tipo de permuta. Porém, tudo isso é só aparência.

As mercadorias não surgiram para satisfazer as necessidades humanas. Sob o capitalismo todos os produtos do trabalho tomam a forma de mercadorias, que não são feitas não para serem consumidas diretamente pelos produtores imediatos, mas para serem vendidas no mercado. São produzidas para serem trocadas.

Todas as sociedades até o presente se organizaram para produzir valores de uso. Mas só na sociedade capitalista, os produtos sociais adquiriram uma dupla determinação de valor de uso e de valor de troca. Alguém que necessita de castanha de caju, por exemplo, irá adquiri-la pagando por ela uma determinada soma em dinheiro. A castanha apresenta um valor de uso para quem a comprou. Porém, ela também é uma mercadoria para o dono da fábrica que a produz, o qual recebe em

troca por ela uma quantia em dinheiro. A possibilidade de a castanha ser trocada por qualquer mercadoria e por dinheiro confere o seu valor de troca.

A sociedade capitalista se fundamenta em um sistema de troca de equivalentes, no qual as mercadorias são postas em relação. O que torna todas as mercadorias comensuráveis entre si, a despeito das utilidades que lhes conferem o valor de uso, é o tempo de trabalho contido para a sua produção. Assim, a mercadoria castanha de caju pode ser posta em relação com toda e qualquer outra mercadoria, confrontando-se a quantidade de tempo para as suas respectivas fabricações. No tempo de trabalho para produção reside o segredo que possibilita o intercâmbio social que se dá em torno da sociedade baseada na produção de mercadorias.

Karl Marx também explicita que o capitalismo fez dos meios de produção propriedade privada de certa minoria de pessoas. Os burgueses são os proprietários dos meios de produção, e aqueles que não os possuem, se vêem obrigados a vender o único bem que possuem: sua força de trabalho. Em troca, recebem o pagamento na forma de salário. Porém, a aparente permuta de salário por tempo de trabalho não é uma troca de iguais: onde o empregado vende a força de trabalho por um valor determinado e oferece trabalho em igual proporção.

Conforme o pensamento marxiano, a jornada de trabalho é maior que o tempo de trabalho necessário pago ao trabalhador, constituindo um trabalho excedente. Como o que o trabalhador produz no tempo contratado não lhe pertence, na apropriação do sobretempo de trabalho (trabalho realizado e não-pago) reside o segredo da produção da mais-valia, através da qual o dinheiro se transforma em mais dinheiro.

Assim, na sociedade capitalista, o dinheiro assume a condição de finalidade, tomando para si a condição de “nexo social” [4] e de organizador de todas as práticas humanas. Ele é “o objet par excellence” [5]. Para o capitalista, pouco importa a condição de valor de uso das mercadorias. O que interessa mesmo é a produção do valor e a sua realização na forma de mais-valia. Portanto, o dinheiro não é só um meio e uma medida de troca, mas conforma o próprio sentido da produção e da sociabilidade capitalista.

4. O CAPITALISMO E A SOCIEDADE DE CONSUMO

Com base no exposto, pode-se concluir que o capitalismo é um sistema econômico e social, baseado na produção, na distribuição e no consumo de mercadorias, empregando o trabalho assalariado, com o intuito de obter mais-valia.

“Agora já podemos dar uma definição mais completa do capitalismo: ele é um sistema de produção, distribuição e consumo de mercadorias, que associa o capital e o trabalho assalariado e tem o objetivo de gerar lucro para o capitalista, através da satisfação de alguma necessidade humana.” [6]

A sociedade atual caracteriza-se por produzir mercadorias para serem vendidas, gerando uma teia de produzir e adquirir artigos, constituindo relações humanas estruturadas na lógica de reprodução do capital, estabelecendo um sistema de mer-

cado, onde alguém tem um objeto para vender ou algo para comprar. Como a sociedade do capital necessita que as mercadorias sejam consumidas para completar o seu ciclo (produção, distribuição e consumo) a sociedade atual foi transformada em um coletivo de consumidores individuais.

Antigamente, as pessoas só compravam objetos necessários para as satisfações humanas vitais. Porém, com o avanço da sociedade produtora de mercadorias essa realidade mudou completamente. O ser humano foi transformado em uma unidade potencial de compra que deve ser artificialmente alimentada para a obtenção de mais-valia, de modo que seus sentimentos, desejos e aspirações também se tornaram objetos da exploração capitalista. Por meios heterônomos, os indivíduos são levados a comprar exageradamente, a consumir muito além das necessidades reais, fazendo parte da engrenagem de um sistema produtivo que favorece o consumo compulsivo. Assim, o individualismo e a competição tornaram-se os valores que alimentam, modelam e orientam a ação de indivíduos e instituições.

“Do ponto de vista doutrinário, o individualismo considera que o indivíduo é a realidade primordial, respeitando-o como um valor maior. Nesse sentido, esse pensamento considera que a História só pode ser fruto de uma ação consciente dos indivíduos, e a sociedade resultante dessa ação só pode objetivar o bem e a realização dos que a organizam. O conceito de competição é definido pela sociologia como uma das formas mais elementares de interação social, referindo-se a qualquer tipo de disputa ou rivalidade que ocorra entre dois ou mais indivíduos na busca por vantagens, posições sociais, status, coisas ou objetos concretos. A definição de concorrência, em conclusão, é relativa às disputas pela preferência de compradores potenciais que ocorrem entre vendedores de bens semelhantes. Definida, em princípio, pela lei da oferta e da procura, liga-se a situações de mercado em que haja qualquer tipo de competição decorrente de diferenciações que são estabelecidas pelos consumidores, entre produtos de fornecedores diferentes (...)” [7]

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karl Marx considera a sociedade capitalista como o modo de organização mais desenvolvido e variado de todas as sociedades já existentes. Este pensador distingue a mercadoria como a forma elementar da riqueza capitalista e que ela só secundariamente satisfaz as necessidades humanas. “O sistema capitalista é aquele no qual se aboliu da maneira mais completa possível a produção com vistas à criação de valores de uso imediato, para o consumo do produtor (...)”. [8] Constitui-se, assim, um sistema de produção cuja finalidade é exterior aos produtores diretos

Quando o autor de *O Capital* constituiu seu objeto de estudo, queria saber por que, sob o capitalismo, a produção era direcionada para o mercado e não para uso direto como nas sociedades anteriores. É que a sociedade capitalista se volta para a produção do valor. Sob a lógica da produção de mercadorias as necessidades de consumo são exteriores aos indivíduos, sendo inerentes às necessidades de valorização do capital.

Com base no exposto, pode-se constatar que o sistema baseado na produção de mercadorias é dominante e exerce influências em todos os níveis da sociedade, o que ratifica as idéias de Karl Marx. Essa realidade pode ser verificada atualmente no bairro Carlito

Pamplona, se considerarmos que a base de sua economia reside no comércio e na indústria e que os trabalhadores desenvolvem um trabalho não-pago. Uma parte é apropriada pelo dono dos meios de produção na forma de maisvalia.

6. REFERÊNCIAS

- [1] MARX, Karl; *O Capital: crítica à economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- [2] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico de 2000.
- [3] SOUSA, Eveline Teixeira de Oliveira. A população e a produção desigual no bairro Carlito Pamplona. In *Anais do IV seminário do LEPOP*, 2008.
- [4] MARX, Karl; *Elementos fundamentais para la crítica de la economía política (Grundrisse)*. Espanha: Siglo Veinteuno, 1971.
- [5] MARX, Karl; *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- [6] CARVALHO, André; MARTINS, Sebastião. *Capitalismo*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1987.
- [7] FERREIRA, Delson. *Manual de Sociologia: dos clássicos à sociedade da informação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- [8] QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria; OLIVEIRA, Márcia. *Um Toque de clássicos*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.